



# REFLEXÕES SOBRE A MARCAÇÃO MORFOLÓGICA DO OBJETO DIRETO POR A EM PORTUGUÊS BRASILEIRO\*

OBSERVATIONS ON THE MORPHOLOGICAL A-MARKING  
OF DIRECT OBJECTS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Sonia Cyrino<sup>1</sup>

Resumo: Como é sabido, o espanhol é uma língua românica que requer que certos objetos diretos (OD) sejam morfológicamente marcados por *a*, a chamada Marcação Diferencial do Objeto (DOM). Em outras línguas românicas, tais como o português europeu e brasileiro, por outro lado, objetos diretos animados não são geralmente marcados. Contudo, vários estudos diacrônicos mostram que a marcação morfológica por *a* do objeto direto era possível nos séculos XVI a XVIII em português, e houve um declínio nesse uso a partir dessa época. Interessantemente, no português brasileiro a marcação do objeto direto por *a* é ainda possível (ou opcional) em alguns contextos restritos. Neste trabalho, observo o espanhol e o português brasileiro para mostrar que essas línguas são diferentes com relação à marcação por *a* do objeto direto, mas semelhantes com relação ao fato de que objetos diretos animados são computados externamente ao vP. O trabalho pretende contribuir para a discussão dos efeitos da animacidade do objeto direto na sintaxe.

Palavras-chave: Sintaxe Gerativa; Marcação Diferencial do Objeto; Português Brasileiro

\* Este trabalho foi possível graças ao apoio da FAPESP (Processo 2012/06078-9) e CNPq (Processo 303742/2013-5).

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas. E-mail: sonia.cyrino@gmail.com

---

**Abstract:** As is well-known, Spanish is a Romance language which requires that certain direct objects (DO) be morphologically marked by the preposition “*a*” (to), the so-called Differential Object Marking (DOM). In other Romance languages, such as European and Brazilian Portuguese, on the other hand, animate direct objects are not generally marked. However, several diachronic studies show that the morphological *a*-marking of the direct object was possible from the 16<sup>th</sup> to 18<sup>th</sup> centuries in Portuguese, and there was a decline of that use from then on. Interestingly, in Brazilian Portuguese, DO *a*-marking is still possible (or optional) in some restricted contexts. In this paper, I look at Spanish and Brazilian Portuguese to show that these languages are different with respect to the occurrence of the *a*-marking of the DO, but similar in relation to the fact that animate direct objects are moved to a position above the vP. This paper aims to contribute to the discussion on the effects of animacy of direct objects in syntax.

**Keywords:** Generative Syntax; Differential Object Marking; Brazilian Portuguese

## INTRODUÇÃO

Como é bem sabido, a chamada Marcação Diferencial do Objeto (Differential Object Marking, DOM) é um fenômeno que ocorre em algumas línguas quando objetos com certos traços ([+animado]; [+específico]) recebem uma marca morfológica especial. O espanhol é uma língua românica em que isso ocorre: objetos diretos (OD) portando o traço [+animado] devem ser morfológicamente marcados pela preposição *a*. Em (1a) a ausência da marcação por *a* do objeto direto animado torna a sentença agramatical, ao contrário do que ocorre em (1b), em que o objeto direto é inanimado:

- (1) a. He visto \*(a) tu padre.  
      ‘Eu vi teu pai.’  
      b. He visto (\*a) tu coche.  
      ‘Eu vi teu carro.’

Embora especificidade/definitude (LEONETTI 2004; LÓPEZ 2012, entre outros) tenha sido relacionada à DOM no espanhol, de fato a animacidade ainda é o traço relevante para essa distinção, pois, como mostrado por Rodriguez-Mondoñedo (2007), todos os indefinidos animados (e todos os pronomes pessoais e nomes próprios) requerem DOM em espanhol (2)-(3):

- (2) a. Vi \*(a) alguien en el parque.  
      ‘Eu vi (a) alguém no parque.’  
      b. No vi \*(a) nadie en el parque.  
      ‘Eu não vi (a) ninguém no parque.’

- 
- (3) a. Vi (\*a) algo en el parque.  
'Eu vi algo no parque.'  
b. No vi (\*a) nada en el parque.  
'Eu não vi nada no parque.'

Em outras línguas românicas, como o português europeu e o português brasileiro, por outro lado, os objetos diretos não são geralmente marcados por *a*. Contudo, alguns estudos diacrônicos (RAMOS, 1992; GIBRAIL; 2003; PIRES, 2017) mostram que a marcação morfológica do OD por *a* era possível entre os séculos XVI e XVIII no português. Em (4) temos um exemplo do século XVII em que observamos essa marcação diante do objeto direto *seus mortos*:

- (4) Muitas Nações comem a seus mortos ...  
(séc XVII, Corpus *Tycho Brahe*, PIRES, 2017, p. 96 )

Esses estudos mostram, porém, que houve uma queda na ocorrência dessa marcação ao longo do tempo.

Neste trabalho, apresento uma reflexão sobre esse tema. Primeiramente discuto a queda do *a* diante de objetos diretos em certos contextos no português e a sua continuada existência em outros. Nesses termos, abordo uma questão adicional: podemos distinguir a marcação por *a* da regência de certos verbos no português? Haveria um resquício de DOM (ao estilo do espanhol, i.e. com *a*) no português? Em seguida, apresento uma proposta de análise para DOM e objetos preenchidos no português brasileiro (Cyrino, 2016), para concluir que os fenômenos dessa língua não parecem se manifestar da mesma maneira que em espanhol. O trabalho é concluído com algumas questões que permanecem em aberto.

## 1 A QUEDA DA MARCAÇÃO DE OBJETOS DIRETOS POR A NO PORTUGUÊS: RESULTADOS DOS ESTUDOS DIACRÔNICOS

Ramos (1992) é o primeiro estudo, dentro da perspectiva gerativista, a abordar a queda do *a* diante de objetos diretos no português brasileiro (doravante, PB). A autora propõe que a marcação por *a* funciona como um

---

recurso extra de marcação de caso e a presença do sujeito e do objeto [+animado] tem influência nessa marcação.

Nesse trabalho, Ramos apresenta um importante estudo diacrônico mostrando a mudança linguística em relação aos complementos verbais que são antecidos pela preposição *a*. Os resultados mostram que o fenômeno sofreu uma queda na frequência de uso no século XIX. Tal mudança estaria relacionada diretamente a outras mudanças do PB: (i) a mudança da ordem OV para a ordem VO; (ii) a mudança da ordem VS para SV com verbos transitivos; e (iii) a mudança na realização do objeto anafórico, isto é, a tendência do objeto nulo em substituir clíticos.

Ramos (1992, p. 138-139) mostra que, no século XVI, o grupo dos nomes próprios era, entre os grupos por ela analisados, o mais frequentemente marcado por *a*. Já no século XVII, os pronomes de tratamento se tornaram o grupo que mais frequentemente apresentava essa marcação. No século XVIII, os nomes próprios voltaram a ser os mais frequentes e, no século XIX, a maior frequência encontrada em seus dados volta para o grupo dos pronomes de tratamento.

Um outro estudo diacrônico que aborda o mesmo fenômeno é Gibrail (2003). A autora utiliza dados do corpus Tycho Brahe e focaliza o português europeu dos séculos XVI a XIX. Seus resultados revelam que os objetos marcados por *a* são sintagmas determinantes que possuem o traço semântico [+específico]. Nesse estudo, a autora detecta certos contextos categóricos para a realização do fenômeno: (i) as ordens VSO, VOS e OV(S); (ii) os nomes de pessoas sem determinantes; (iii) os nomes próprios acompanhados pelo título de nobreza *Dom*; (iii) os pronomes de tratamento; (iv) os DPs *Deus* e *Cristo*; e (v) a presença do quantificador *todos*.

Seus resultados demonstram um aumento na frequência do fenômeno se estendendo da primeira até a segunda metade do século XVI. Já a segunda metade do XVI e o século XVII registram o uso do *a* diante de objetos diretos em contextos mais abrangentes. Finalmente, no século XIX, há uma queda da marcação por *a* de objetos diretos.

Mais recentemente, Döhla (2014) investiga o português antigo e afirma que a marcação dos objetos diretos por *a* era desencadeada por fatores sintáticos. Dentre esses fatores, destaca-se a presença de dois objetos diretos marcados simultaneamente (chamada de *paralelização*), como em (5), o deslocamento à esquerda (6), e a ordem VSO (7):

---

(5) ...ten-des em vossa ajuda muy certos a mym e ao Conde d'Ourem...

(*D. Alfonso V*, 245; Delille 1970: 36, apud Döhla 2014, p. 274)

(6) ...aos proues e mjnguados sostinha...

(*Sete Reis II*, 4; Delille 1970: 39, apud Döhla 2014, p. 274)

(7) ...am-ando mais as maes a seos filhos...

(*Jerónimo*; Delille 1970:42, apud Döhla 2014, p. 275)

Um problema desse estudo, porém, é o fato de que o autor não mostra dados estatísticos. No entanto, afirma que entre os séculos XVI e XIX, os pronomes pessoais e os nomes próprios formam as classes de objetos diretos que mais frequentemente são marcadas por *a*. Além disso, o autor afirma que a frequência maior de uso dessa marcação é ocasionada pela influência que a língua espanhola exerceu sobre Portugal entre os anos 1580-1640, período da unificação das duas coroas e da criação da União Ibérica (ver também RAMOS, 1992; PIRES, 2017).

Sobre essa última questão, temos o trabalho de Pires (2017). A autora investiga dados do português dos séculos XVI a XIX coletados em textos escritos por autores portugueses utilizando dois corpora: o Corpus Tycho Brahe e o Corpus Post Scriptum (Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e na Espanha na Época Moderna). Seu objetivo é verificar a frequência de objetos diretos marcados por *a* nos dados, e discutir se houve influência do espanhol no português.

Apesar de os resultados desse estudo confirmarem os aspectos detectados nos estudos anteriores apresentados acima e ensejarem uma discussão sobre a influência do espanhol no português dos séculos XVI e XVII, a autora descobre que os contextos detectados não se mostram obrigatórios para a ocorrência do *a* e, portanto, não são paralelos aos contextos de DOM para o espanhol. Assim, a existência do *a* diante de certos objetos diretos no português é ainda um fato a explorar, uma vez que, apesar de os resultados diacrônicos apontarem para a sua queda, é interessante notar que é uma marcação ainda possível (ou opcional) em alguns contextos restritos.

---

## 2 O OBJETO DIRETO PREPOSICIONADO

As gramáticas descritivas do PB (por exemplo, NEVES, 2000) enumeram certos contextos para a marcação por *a* de certos objetos diretos, denominada *objeto direto preposicionado*:<sup>2</sup>

(i) diante do pronome relative *quem* (NEVES, 2000, p. 385)

(8) Agora, visivelmente desapontado e, ao mesmo tempo, furioso diante do ataque frontal da mulher contra seu irmão mais velho, a quem tanto respeitava, papai resolveu terminar de vez com aquela falação desagradável, tão sem cabimento.

(*Anarquistas graças a Deus*. GATTAL, Z. Rio de Janeiro: Record, 1979.)

(ii) diante de certos tipos de complemento (NEVES, 2000, p. 613-615)

- diante de pronomes tônicos (9), embora a autora reconheça que a preposição não é obrigatória na língua falada (10):

(9) Quem sabe resolve ajudar a nós todos?

(*O Povo*. Fortaleza, 23/9/1992.)

(10) Encontrei ele agorinha e ele disse que viesse.

(*Pedro Malazarte*. KHNER, M.H. *Revista de Teatro (Rio de Janeiro)*, 469, 1989.)

- reforçando um pronome átono reduplicado (11):

(11) A hora do almoço, chamaram-me a mim e a Mário.

(*Angela ou as areias do mundo*. FARIA, O. Rio de Janeiro: José Olympio. sem data)

Observações sobre a opcionalidade da preposição também são apresentadas pela autora para os seguintes contextos:

---

<sup>2</sup> Os exemplos (8) a (18), bem como as referências a eles, são retirados de Neves (2000, p. 385; 613-615).

---

- diante de um sintagma nominal

(12) a. Essa lei, entretanto, não transcende ao homem, ela não existe fora do homem.

(*Isto é, São Paulo* – sem data)

b. O alcance deste fenômeno transcende o aspecto clínico da psicanálise e se inscreve em sua dimensão mais teórica.

(*Psicanálise e linguagem*. CASTRO, E.M. São Paulo: Ática, 1986.)

- diante de pronomes indefinidos:

(13) a. Comecei a amar a todos como eram, com defeitos e virtudes.

(*Revista Veja* – sem data)

b. Bastava, entretanto, topar com uma outra em sua frente e lá ia o cabo, e se uma terceira surgisse, a ela se atiraria como se pudesse e devesse amar todas as mulheres do mundo.

(*Os pastores da noite* – sem outra referência)

c. Como está distante do espírito de Cristo, a luz verdadeira que alumia a todo homem que vem a este mundo.

(*Eu era cego e agora vejo* – sem outra referência)

d. Incapaz de ofender a alguém, sempre atencioso.

(*Serras Azuis*. LIMA, G. F. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.)

A preposição não seria opcional no caso de ‘objeto direto pleonástico’ (14) e nomes próprios como ‘Deus’ (15):

(14) É com pasmo que nos vejo a todos sentados sobre este metro quadrado de terra e de sombra.

(*A lua vem da Ásia*. CARVALHO, C. 3 ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1977.)

(15) Nenhum dos dois potentados parecia amar a Deus e muito menos ao vigário.

(*Incidente em Antares*. VERÍSSIMO, E. – sem outra referência)

A autora também afirma que a ordem das palavras leva à marcação do objeto, especialmente quando este ocorre antes do verbo (16), e, em alguns casos

---

o uso da preposição evita a ambiguidade da função sintática do sintagma nominal (17):

- (16) a. A homem pobre não se rouba.  
b. A médico não se deve enganar.
- (17) a. Ao bem venceu o mal.  
b. Ao cavalo favorito o outro superou.

Neste ponto, gostaria de chamar a atenção do leitor para o fato de que, como no espanhol, a marcação do objeto por *a* no PB também parece obedecer a restrição de animacidade. Em outras palavras, em todos os exemplos acima em que vemos a marcação (com exceção de (17)), temos um objeto direto portando o traço [+animado]. Podemos, por exemplo, comparar (12a) e (12b), em que o mesmo verbo está sendo usado nas duas sentenças, mas a marcação por *a* é condicionada pela animacidade do OD.

Observe, ainda, o exemplo em (18) abaixo, em que *Deus* recebe a marcação, mas não *as coisas*, como complementos do mesmo verbo *amar*:

- (18) E amar a Deus é amar as coisas que Ele fez para o nosso prazer.  
(*O santo inquérito*. GOMES, D. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1966.)

Além disso, podemos observar que a marcação por *a* é necessária em alguns contextos já apontados na literatura (e.g. RAMOS, 1992), mas a necessidade de o complemento ser [+animado] não tem sido apontada como relevante para o fenômeno. Assim, observamos que em estruturas de coordenação, o traço [+animado] parece fazer diferença. A sentença em (19a), em que não há a presença do *a* diante do objeto direto, pode ter uma leitura de elipse (lacuna) em que o professor também viu o menino. Em contraste, a sentença em (19b) tem a leitura relevante para objetos coordenados, ou seja, a leitura em que eu vi o menino e eu vi o professor:

- (19) a. Eu vi o menino e o professor também.  
b. Eu vi o menino e ao professor também.



---

Da mesma forma, diante de ODs quantificados, observamos esse contraste. Em (20) a preposição *a* parece opcional diante do sintagma [+animado] *alguns homens*, mas é agramatical diante do sintagma [-animado] *algumas escolas*:

- (20) a. Ele visitou (a) alguns homens.  
b. \*Eu vi a algumas escolas.

Adicionalmente, como observado em Cyrino e Ordoñez (2016), em sentenças comparativas, temos uma diferença de significado dependendo da animacidade do objeto direto. O objeto não marcado pela preposição em (21a) significa que ‘O Pedro ama a Rita como se ele fosse uma mulher’; já o objeto marcado pela preposição em (21b) permite a leitura comparativa do objeto na qual ‘O Pedro ama a Rita da mesma maneira que ele ama uma mulher’:

- (21) a. O Pedro ama a Rita como uma mulher.  
b. O Pedro ama a Rita como a uma mulher.

Nesta seção apresentamos os contextos em que o *a* ainda aparece marcando o objeto direto no PB e apontamos o interessante fato de que sua ausência pode levar a ambiguidade de leituras em certos contextos.

Na próxima seção, examinamos uma questão adicional sobre a presença do *a* diante de objetos diretos.

### 3 QUESTÃO ADICIONAL: A REGÊNCIA VERBAL E A VARIAÇÃO E PERDA DA PREPOSIÇÃO *A*

Além das questões apontadas na seção acima, a gramática tradicional e descritiva do português indica que muitos verbos, como *ajudar*, *obedecer*, *satisfazer*, entre outros, devem ter um complemento regido pela preposição *a* no português. Porém, o PB apresenta, na realidade, uma variação nesse uso e até a perda dessa preposição.

Em relação à variação no uso da preposição, vejamos as sentenças em (22) e (23). Ambos os exemplos mostram a gramaticalidade da sentença independentemente da presença do *a* diante do objeto direto:

- 
- (22) a. O Pedro ajudou ao amigo.  
b. O Pedro ajudou o amigo.

- (23) a. A explicação satisfez ao Pedro.  
b. A explicação satisfez o Pedro.

Porém, observe que esses verbos somente permitem a preposição *a* quando selecionam um complemento [+animado]. Se o complemento é [-animado], temos uma sentença agramatical como mostra o contraste em (24). De fato, (24a) soa agramatical se o complemento [-animado] de *satisfazer*, ‘os requisitos’, é marcado pela preposição. Esse complemento, sendo [-animado], não permite a preposição, o que é demonstrado pela gramaticalidade de (24b):

- (24) a. \*O julgamento satisfez aos requisitos da lei.  
b. O julgamento satisfez os requisitos da lei.

Em relação à queda da preposição *a*, temos muitos estudos, especialmente aqueles focalizando a perda do objeto indireto dativo (BERLINCK, 1997; OLIVEIRA, 2004) e sua substituição por outras preposições (*de, para*) em construções bitransitivas (TORRES MORAIS e SALLES, 2010):

- (25) a. O Pedro comprou o livro [ao João] > O Pedro comprou o livro [do João].  
b. O Pedro comprou o livro [ao João] > O Pedro comprou o livro [para o João].

Além da preposição marcadora do dativo, a preposição *a* que indica movimento foi substituída pela preposição *em* (FARIA, 2006) no PB:

- (26) Maria foi ao cinema > Maria foi no cinema.

A questão que se coloca, então, é: seria a perda da marcação morfológica do OD por *a* uma outra consequência da perda generalizada da preposição *a* no PB (conforme afirma RAMOS, 1992)?

Embora tentadora, esse tipo de correlação enfrenta dois problemas:

---

(i) a marcação por *a* do objeto direto ainda é possível (ou opcional) em alguns contextos, como mostrado anteriormente e exemplificado em (27):

(27) Visitei (a) todos.

(ii) a preposição *a* não foi completamente perdida nem mesmo nos contextos de verbos ditransitivos.

Calindro (2015) encontra 80% de *a* vs. *para* com todos os tipos de verbos ditransitivos (exceto verbos de criação) em todos os períodos do século XX. Gazola (em andamento) tem resultados semelhantes para *a* em outros contextos.

Assim, observamos que a questão é bem complexa. Na seção abaixo descrevo uma proposta apresentada para um fenômeno semelhante no catalão.

#### 4 UM DATIVO OCULTO?

Pineda (2017) descreve uma mudança na alternância dativo/acusativo está em curso com verbos agentivos do Catalão que têm como complemento um DP com papel de recipiente (pessoa que *recebe alguma coisa*):

- (28) a. Ell paga a l'empleat. [catalão]  
'Ele paga [DAT ao empregado]'.  
b. Ell li paga.  
'Ele [DAT lhe] paga'.

- (29) a. Ell paga l'empleat. [catalão]  
'Ele paga [ACC o empregado]'.  
b. Ell el paga.  
'Ele [ACC o] paga'.

Esse fenômeno ocorre com um grupo de verbos envolve transferência física ou metafórica. Além de pagar, outros verbos, como por exemplo, *telefonar* 'telefonar' (transferência de comunicação), *robar* 'roubar' (transferência de posse), *seguir* 'seguir' (contato em um sentido amplo), também têm apresentado essa alternância dativo/acusativo no catalão. Nesse sentido, a autora aponta que o papel temático mais apropriado para o complemento é meta/recipiente. Esses verbos são inergativos no catalão, e autora propõe que tenham uma estrutura

---

V+N que pode ser parafraseada por uma estrutura formada com verbo leve (PINEDA, 2017, p. 7). Vejamos seu exemplo com o verbo *telefonar* ‘telefonar’

- (30) a. l'Anna telefona a l'Andreu/ L'Anna li telefona. (dativo)  
a-Anna telefona a o-Andreu a-Anna lhe telefona  
'A Anna telefona ao Andreu. A Anna lhe telefona.'
- b. l'Anna telefona l'Andreu/ L'Anna el telefona (acusativo)  
a-Anna telefona a o-Andreu a-Anna o telefona  
lit. 'A Anna telefona ao Andreu. A Anna o telefona.'
- telefonar = fer una telefonada

Nesse exemplo, o verbo *telefonar* teria uma estrutura que inclui um verbo leve, isto é *telefonar* teria a estrutura de *fer una telefonada* ‘fazer/dar uma telefonada’, em que o tema é objeto direto “telefonada” e a meta, o objeto *a l'Andreu* ‘ao Andreu’. Para explicar o aparecimento do acusativo em (30a), a autora propõe que a estrutura é semelhante à construção de duplo objeto do inglês – como *John gave Mary a book* – em que o objeto indireto, que aparece adjacente ao verbo,<sup>3</sup> se moveu para essa posição para checar Caso acusativo estrutural.

Poderíamos pensar em uma proposta semelhante para o português? Em outras palavras, poderíamos dizer que alguns verbos admitem *a* em seus complementos porque haveria um *dativo oculto*?

Se esse fosse o caso, a influência do traço [+animado] sobre o complemento preposicionado parece ser pertinente, pois dativos geralmente têm esse traço e papel temático beneficiário/meta:

- (31) a. Eu visitei (a) alguns diretores.  
b. Eu fiz visita a/para alguns diretores. (*diretores* → beneficiários)
- (32) a. \*Eu visitei a algumas escolas.  
b. Eu fiz visita a/em algumas escolas. (*escolas* → locativos)

Além disso, como vimos, os casos em que há variação/perda da preposição *a* na regência de certos verbos também parecem ser sensíveis ao

---

<sup>3</sup> O inglês tem também a construção com um sintagma preposicional: *John gave the book to Mary* ‘John deu o livro à Mary’. O PB não tem a construção de duplo objeto, e, por isso a tradução permanece a mesma. Ver Torres Morais e Salles (2010).

---

traço [+animado], conforme vistos acima em (22)-(24), e repetidos abaixo como (33)-(35):

- (33) a. O Pedro ajudou ao amigo.  
b. O Pedro ajudou o amigo.
- (34) a. O julgamento satisfez ao Pedro.  
b. O julgamento satisfez o Pedro.
- (35) a. \*O julgamento satisfez aos requisitos da lei.  
b. O julgamento satisfez os requisitos da lei.

A hipótese do Dativo (Recipiente) oculto poderia explicar esses contrastes. Possivelmente, com a perda do dativo (sintagma aplicativo) no PB (TORRES MORAIS e SALLES, 2010), explica-se a perda do *a* na regência de certos verbos.

Porém, maiores estudos são ainda necessários para averiguar essa hipótese, pois os verbos descritos acima para o português não são todos inergativos, ao contrário do que ocorre no catalão.

Voltamos, então à questão deste trabalho. Tendo em vista o discutido acima, o português apresenta DOM como no espanhol?

A resposta parece ser *não*. No entanto, parece haver uma diferença em relação à marcação por *a* no comportamento de certos objetos devido a fatores como “animacidade”. Esse fato é interessante, pois esse parece ser um fenômeno geral nas línguas. Abaixo apresento a relação entre animacidade e fenômenos sintáticos.

## 5. ANIMACIDADE E FENÔMENOS SINTÁTICOS

Na literatura linguística, encontram-se diversos estudos sobre relações específicas entre o verbo e um argumento interno [+animado]. Em outras palavras, há consequências sintáticas dependentes da animacidade do objeto.

Por exemplo, além de DOM em espanhol e romeno, encontram-se estudos sobre marcação do objeto animado em Nez Perce (RUDE, 1986), Wagawaga (WURM, 1976), Mohawk (BAKER, 1988), entre outros. Mithun (1984) e Baker (1988), por exemplo, mostram que o fenômeno da incorporação é impossível quando o objeto é [+animado]. O objeto [+animado] é

---

obrigatoriamente realizado em Baule, Akan e outras línguas Kwa (LARSON, 2002; SAAH, 1992), e desencadeia concordância em várias línguas (ver ORMAZABAL e ROMERO, 2007). Esses estudos indicam que a animacidade não é uma propriedade semântica dos sintagmas nominais, mas codificam uma relação formal entre o verbo e o argumento interno.

Observamos também a relevância do traço [animacidade] nas construções de duplo objeto (DOC) (ver também nota 2). Em inglês, a DOC é possível com alguns verbos (LEVIN, 2007). Com o verbo *send* 'enviar' pode haver uma relação de posse estabelecida com o recipiente quando o objeto direto for [+animado]. Em (36a), por exemplo, o diretor será quem terá "a posse" das crianças após o envio do professor. Nesse caso, a DOC não é possível se o objeto indireto também é [+animado] (36b):

- (36) a. The teacher sent the children to the principal.  
b. \*The teacher sent the principal the children.  
'O professor enviou as crianças para o diretor.'

Porém, se o objeto direto é [-animado], uma relação de posse é possível, e a DOC também:

- (37) a. The teacher sent a note to the principal.  
b. The teacher sent the principal a note.  
'O professor enviou uma mensagem ao diretor.'

Esses exemplos indicam que parece haver uma competição entre os dois objetos animados em (36b), em que se força uma relação de posse impossível. Quando há dois objetos e uma relação de posse com o verbo, o indireto deve ser animado, e o direto inanimado. Esses fatos indicam a relevância do fator [animacidade] para a possibilidade de realização do objeto direto.

Outro fato interessante trata-se da possibilidade de ocorrência do SE impessoal no espanhol (ORDOÑEZ e TREVIÑO, 2011): o verbo concorda com o argumento interno quando ele tem o traço [-animado]:

- (38) a. Se llevaron/\*llevó (los) regalos a la doctora.  
se levaram levou os presents a a médica  
'Levaram-se os presentes à médica.'

- b. Se llevó/\*llevaron a los enfermos a la doctora.  
se levou levaram a os doentes a a médica  
lit. 'Levou-se os doentes à médica.'

Mais uma vez vemos uma consequência na sintaxe derivada de uma determinada especificação do traço [animacidade] do objeto.

Além desses, outros fenômenos, como a concordância verbo-objeto, mostram-se sensíveis a esse traço. Assim, em muitas línguas, como em Mohawk e KiRimi (BAKER, 1996; HUALDE 1989; WOOLFORD, 2000), uma marca de concordância do verbo com o objeto direto só ocorre quando esse é [+animado].

No início deste artigo, mencionamos a existência da Marcação Diferencial do Objeto (DOM) nas línguas românicas condicionada por uma distinção entre objetos animados e os não-animados: somente os primeiros são marcados por *a*. A literatura recente sobre o tema (RODRIGUEZ-MONDOÑEDO, 2007; LÓPEZ, 2012, ORDOÑEZ e ROCA, a sair) propõe que objetos [+animados] devem se mover para fora do vP e aí recebem a marcação morfológica como manifestação de Caso.

Uma questão já levantada na literatura funcionalista (SCHWENTER, 2006) seria se a distinção encontrada no PB para a realização do pronome vs. objeto nulo seria uma manifestação de DOM na língua. Irimia e Cyrino (2017) exploram essa ideia em uma perspectiva formal, partindo de semelhanças entre o PB, o espanhol e o romeno.

As autoras propõem que a DOM se manifesta no PB não através da marcação por *a*, mas pela possibilidade da realização de um pronome pleno nesses contextos. Assim, o antecedente [+animado] (específico) em uma sentença como (39) exige um pronome pleno:

(39) Pedro levou a garota no cinema depois que ele beijou ela/ \*Ø.

Por outro lado, o antecedente inanimado não-específico em (40) não permite o pronome pleno:

(40) A instrutora visita escolas antes de recomendar \*?elas/Ø aos alunos.

Irimia & Cyrino (2017) apresentam testes que indicam que o uso do pronome pleno no PB é comparável ao DOM adposicional do espanhol. Além

---

disso, dados do DOM do romeno comparado ao PB demonstram que uma análise mais refinada em termos de posições sintáticas explica as semelhanças e diferenças com o espanhol. Essa unificação dos fenômenos tem consequências importantes para o entendimento do que seja a sintaxe do DOM nas línguas e a relevância do traço [animacidade] na sintaxe.

Cyrino (2016), ao explicar a ocorrência do objeto nulo inanimado no PB, propõe que há uma posição dedicada para DPs animados fora de vP. Essa posição é também a posição dos DPs com papel temático beneficiário (ver CYRINO, 2012; PLATZACK, 2008). Os efeitos sintáticos da animacidade seriam, então, resultado do movimento de DPs animados para essa posição.

Cyrino conclui que objetos diretos podem ser marcados diferencialmente devido ao traço [+animado] que apresentam. Porém essa marcação diferencial pode se manifestar de diversas maneiras: ou através de *a*, como no espanhol, ou através da realização de um pronome tônico,<sup>4</sup> como no PB.<sup>5</sup> Assim, o espanhol e o PB são semelhantes pois objetos diretos animados são computados externamente a vP, mas diferentes com relação à necessidade da marcação adposicional. Em espanhol, uma preposição precisa ser inserida, talvez por questões de Caso, (ORMAZABAL e ROMERO, 2013; ZDROJEWSKI, 2013; ORDÓÑEZ e ROCA, a sair, entre outros). Em português, o fenômeno DOM se manifesta no uso do pronome pleno.

## CONCLUSÃO

Neste trabalho, quis demonstrar que os efeitos sintáticos da animacidade em português e espanhol são semelhantes, embora a preposição *a*, marca do DOM no espanhol, não o seja PB.

Como vimos, o traço [+animado] no objeto direto do português também leva à possibilidade da marcação por *a*. No entanto, os contextos em que a posição *a* é necessária no português são distintos daqueles encontrados em espanhol. Recordemos que o uso do *a* diante do objeto direto é restrito a certos tipos de DPs [+animado] (GIBRAIL, 2003; PIRES, 2017), e, talvez, seja

---

<sup>4</sup> O PB também permite o pronome tônico referindo-se a antecedentes [-animado]. Para análise desses casos, ver Cyrino (2016) e Irimia e Cyrino (2017).

<sup>5</sup> Ou ainda como concordância ou outro fenômeno que evidencie a distinção entre objetos diretos animados e inanimados na língua, como relatado pela literatura e brevemente apresentado acima. Para desenvolvimento dessas ideias, ver Cyrino (2016).



---

manifestação de papel temático beneficiário (conforme proposto em Pineda 2007), que se manifesta em um DP inerentemente [+animado].

Interessantemente, a marca *a* para objetos animados no PB é necessária nos contextos onde sua ausência levaria à ambiguidade. Observemos as sentenças em (41):

- (41) a. Eu vi o menino e o professor também.  
b. Eu vi o menino e ao professor também.  
c. Eu vi o livro e o caderno também.  
d. \*Eu vi o livro e ao caderno também.

Em estruturas de coordenação como (41) as possibilidades de leitura de objetos diretos coordenados são dependentes do traço [animacidade] desse objeto. Assim, somente as sentenças (41b) e (41c) garantem a leitura de que há dois objetos diretos coordenados como complemento de 'eu vi'. A sentença (41a) não expressa essa leitura, mas sim uma leitura de elipse, em que 'eu vi o menino e o professor também viu o menino'. Já (41d) é agramatical devido ao uso de *a* diante de objetos diretos inanimados.

Já em comparativas, como vimos acima, há também diferenças de leitura. O objeto direto não marcado *uma mulher* em (42a) permite a leitura de que 'o Pedro ama a Rita da mesma maneira que uma mulher ama a Rita'. Já o objeto marcado *a uma mulher* em (42b) não permite essa interpretação. A única interpretação possível é aquela que suscita a leitura comparativa do objeto, ou seja, aquela na qual 'o Pedro ama a Rita da mesma maneira que ele ama uma mulher':

- (42) a. O Pedro ama a Rita como uma mulher.  
b. O Pedro ama a Rita como a uma mulher.

Além disso, vimos que *a* é opcional antes de quantificadores quando os DPs são [+animado], e impossível para inanimados:

- (43) a. Ele visitou todos. (*todos* = [± animado]).  
b. Ele visitou a todos. (*todos* = [+animado])

---

Esses fatos indicam que outros estudos são necessários para determinar a necessidade da marcação de objetos diretos por *a* no PB em contextos que exijam uma indicação positiva de animacidade, um fenômeno que parece decorrer da atuação dos traços de animacidade na sintaxe das línguas.

O PB não apresenta DOM como no espanhol, apesar de ter tido uma manifestação semelhante ao longo de sua história, e de ainda ter “objetos diretos preposicionados” em casos restritos. Porém, sabemos que o objeto nulo requer que seu antecedente seja [-animado] (DUARTE, 1986; CYRINO, 1994, entre outros). Além disso, este trabalho indica que os efeitos sintáticos da animacidade em objetos diretos no PB se manifestam também pela realização de pronomes plenos em posição de objeto, e pela presença do “a” em certos contextos em que a interpretação do objeto como animado está em jogo. As reflexes apresentadas neste trabalho pretendem, assim, ser uma contribuição aos estudos recentes sobre os efeitos da animacidade na sintaxe dos objetos diretos.

## REFERÊNCIAS

- BAKER, Mark. *Incorporation*. Chicago: Chicago University Press, 1988.
- BAKER, Mark. *The polysynthesis parameter*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- BERLINCK, Rosane. Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil. In: *Anais do II Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.
- BLISS, Heather. Argument structure, applicatives, and animacy in Blackfoot. *Proceedings of WSCLA 13*: 58-69, 2009.
- CALINDRO, Ana Regina. *Introduzindo argumentos: uma proposta para as sentenças ditransitivas do português brasileiro*, 2015. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa), Universidade de São Paulo, São Paulo.
- CYRINO, Sonia. *O objeto nulo no português brasileiro: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- CYRINO, Sonia. Null objects in New Romance: Aspectuality, transitivity and referentiality. In: BELLOSTA von COLBE, V.; GARCÍA GARCÍA, M. *Aspectualidad - Transitividad – Referencialidad: Las lenguas románicas en contraste*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2012, p. 41-68.
- CYRINO, Sonia. *Animacidade e a realização do objeto nas línguas românicas: um estudo comparativo*. Relatório Científico, FAPESP, Processo 2012/06078-9.

---

CYRINO, Sonia; ORDOÑEZ, Francisco. On the similarities and differences between null objects and DOM in BP and Spanish. Trabalho apresentado no Workshop Romania Nova VIII, realizado em Buenos Aires, Museu del Libro y de la Lengua, de 23 a 25 de novembro de 2016.

DEMUTH, Katherine et al. Learning animacy hierarchy effects in Sesotho double object applicatives. *Language* 81(2): 421-447. 2005.

DÖHLA, Hans-jörg. Diachronic convergence and divergence in differential object marking between Spanish and Portuguese. In: BRAUNMÜLLER, K.; HÖDER, S.; KÜHL, K. *Stability and Divergence in Language Contact: Factors and Mechanisms*. Amsterdã: John Benjamins, 2014. p. 265-289.

DUARTE, M. Eugenia L. *Variação e Sintaxe: Clítico Acusativo, Pronome Lexical e Categoria Vazia no Português do Brasil*. 1986. Dissertação. (Mestrado em Linguística), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

FARIA, Jair Gomes. Variação entre a, para e em no português brasileiro e no português europeu: algumas notas. *Letras de Hoje* 41(1): 213-234, 2006.

GAZOLA, Adriana. *O uso das preposições a, em e para na "Imprensa negra paulista" do século XX*. Em andamento. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

GIBRAIL, Alba. *O acusativo preposicionado do português clássico: uma abordagem diacrônica e teórica*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas.

HUALDE, Juan. Double object constructions in KiRimi. In: NEWMAN, P.; BOTNE, R. *Current Approches to African Linguistics*, 1989. Dordrecht: Foris.

IRIMIA, Monica; CYRINO, Sonia. Manifestations of differential object marking: from Brazilian Portuguese to prepositional accusatives. *Revue Roumaine Linguistique* 4: 411-426, 2017.

LARSON, Martha. The semantics of object drop in Baule. In: NISSIM, M., *Proceedings of the 7th Student Session*, p. 1-10, 2002.

LEONETTI, Manuel. Specificity and differential object marking in Spanish. *Catalan journal of linguistics* 3(1): 75-114, 2004.

LEVIN, Beth. Dative verbs A crosslinguistic perspective. *Linguisticæ Investigationes* 31(2): 285-312, 2007.

MITHUN, Margareth (1984). The evolution of noun incorporation. *Language* 60: 847-893, 1984.

NEVES, Maria Helena Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Marilza. A perda da preposição A e a recategorização de LHE. *Estudos Lingüísticos* XXXIII: 292-297, 2004.

- ORDOÑEZ, Franciso; ROCA, Francesc. Differential Object Marking (DOM) and clitic sub specification in Catalanian Spanish. In: GÁLLEGO, A. *The Syntactic Variation of Spanish Dialects*. OUP. A sair.
- ORDOÑEZ, Francisco; TREVIÑO, Esther. Impersonals with Passive Morphology. In: ORTIZ-LÓPEZ, L. A. *Selected Proceedings of the 13th Hispanic Linguistics Symposium*, 314-324. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2011.
- ORMAZABAL, Juan; ROMERO, Juan. The object agreement constraint. *Natural Language & Linguistic Theory* 25(2): 315-347, 2007.
- ORMAZABAL, Juan; ROMERO, Juan. Object clitics, agreement and dialectal variation *Probus* 25(2): 301 – 344, 2013.
- ORMAZABAL, Juan; ROMERO, Juan. Object clitics and agreement. Ms. U. of the Basque Country/HiTT & U. de Extremadura/HiTT. Disponível em url: <http://ling.auf.net/lingbuzz/001032>. 2010.
- PINEDA, Ana. From dative to accusative: an ongoing syntactic change in Romance. Trabalho apresentado em Anglia Ruskin – Cambridge Linguistics Seminars for Easter Term, 19 de maio de 2017, Anglia Ruskin University, University of Cambridge, Cambridge.
- PIRES, Aline. *A marcação diferencial do objeto no português: um estudo sintático-diacrônico*. 2017. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/330382>.
- PLATZACK, Christen. Class notes, Summer Institute, GLOW, Barcelona. 2008
- RAMOS, Jânia. *Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil: uma abordagem gerativa e variacionista*. 1992. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- RODRIGUEZ-MONDOÑEDO, Miguel. *The syntax of objects: agree and Differential Object Marking*. Tese (Doutorado em Linguística), University of Connecticut, Storrs, 2007.
- RUDE, Noel. Topicality, transitivity, and the direct object in Nez Perce. *International Journal of American Linguistics* 52: 124-153, 1986.
- SAAH, KOFI K. (1992). Null object construction in Akan. In: COLLINS, C.; MANFREDI, V. *MIT Working Papers in Linguistics* 17: 219-244, 1992.
- SCHWENTER, Scott. Null objects across South America. *Selected papers of the 8<sup>th</sup> Hispanic Linguistics Symposium*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, p. 23-36, 2006. Disponível em: <http://www.lingref.com/cpp/hls8/paper1252.pdf>.
- TORRES MORAIS, Maria A.; SALLES, Heloísa M. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus* 22: 181-209, 2010.
- WOOLFORD, Ellen. Agreement in disguise. In: CARSTENS, V.; PARKINSON, F. *Advances in African linguistics*, 2000, p. 103-117. Trenton: Africa World Press.

---

WURM, Stephen A. Accusative marking in Duudidjawu (Waga-waga). In: DIXON, R. M. W. *Grammatical categories in Australian languages*, 1976, p. 106-111. Canberra: Australian Institute of Aboriginal Languages.

ZDROJEWSKI, Pablo. Spanish DOM as a case of lacking case. Unpublished Ms., Universidad Nacional de General Sarmiento / Universidad de Buenos Aires, 2013.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 20 de fevereiro de 2018.

Aprovado em sistema duplo cego em: 15 de março de 2018.